

VIDA, OBRA E MORTE DE NEWTON SAMPAIO

Conferência pronunciada no Círculo de Estudos “Bandeirantes” pelo dr. Manoel de Oliveira Franco Sobrinho

O Dia – 16 de agosto de 1938.

O Círculo de Estudos “Bandeirantes” realizou, há pouco, uma sessão em homenagem à memória de Newton Sampaio. Sobre a figura do grande escritor morto, falou o dr. Manoel de Oliveira Franco Sobrinho, pronunciando a conferência que abaixo transcrevemos na íntegra:

“Diante de Newton Sampaio morto, que, em sua curta existência, sentiu a vida e viveu-a com tamanha intensidade, nós, os que o estimávamos fraternalmente, sentimos que tombou o primeiro grande lutador dessa nossa geração de 20 anos.

Esse Newton Sampaio, que vimos passar em meio à angústia geral, representa o drama íntimo de uma juventude inteira.

Newton Sampaio foi, em nosso tempo, uma nota de alta ressonância intelectual. Foi um homem que sonhou. Chegou a ser humano e sofreu. Entre o sonho e a realidade, construiu um mundo de fé e de entusiasmo.

CONHECIMENTO DO DESTINO

Newton Sampaio teve uma só dor profunda. Foi quando, no seu recanto silencioso de estudante pobre, sentia a aproximação do INEVITÁVEL.

Viveu então momentos de desencanto e de tristeza. O sonho, porém, afastou-o da amarga realidade. Sonhou como sempre sonhara. Evocando mundos

perdidos, fantasiando o próprio sonho na ânsia insuperável de sobrepor-se à fatalidade das coisas, Newton sempre conseguiu afastar o pensamento da hora final que já vinha próxima.

Diante da consciência profunda do seu mal, ele deixou dominar sempre o ardor de uma imaginação exaltada.

Ao contrário do que se podia esperar, a sua obra foi construída num ambiente de saúde e mocidade.

Perto da morte, certo do IRREMEDIÁVEL, viveu até o último minuto amparado pela esperança de viver. Não temeu o fim. Acreditava na vida. A necessidade de EXISTIR fez com que ele resistisse com heroísmo à própria idéia da morte.

CONFIANÇA NAS PRÓPRIAS FORÇAS

Não se poderá nunca negar a coragem com que soube enfrentar as determinantes de um destino adverso.

Sua inteligência nunca soube duvidar. Se houve momentos em que sua fé se ateu abalada ante as negações do século, nunca se deixou vencer, porque o seu espírito pairava bem acima das misérias que nos rodeiam.

Difícil, como vemos, definir uma personalidade como essa. Poucos a conheceram. Poucos reconheceram valor em Newton Sampaio. Um nome quase apagado, uma obra inédita, um universo desconhecido.

No entanto, esse nome, essa obra, esse universo, significam para nós a afirmação de um grande espírito.

Quando lembro que uma antecipada morte impediu a realização total da obra que esse espírito arquitetava, eu me inclino a duvidar do valor do esforço humano. Quando, porém, evoco a figura do grande amigo morto, eu me sinto confortado. Aquele heróico esforço para a vitória, aquela confiança em si mesmo, aquela esperança de vencer a morte nos trazem a convicção de que foi ele o primeiro na luta, de que foi ele o primeiro que venceu a VIDA.

O combate que travou foi de morte. O que não importa quando a gente sabe lutar. O que mais vale é que, para nós, os amigos da geração, a lembrança de Newton é uma resposta a todas as nossas inquietações, um consolo para todos nós que sentimos inquietos a imperiosidade do destino humano.

OS ÚLTIMOS MOMENTOS

Largado ao mundo, sozinho, sem apoio de espécie alguma, longe do carinho da família, desde cedo órfão de mãe, em vida ninguém pensou ajudá-lo.

Lutou do começo ao fim. Só de escolhos encontrou caminhos. Tudo, para Newton, na vida, foi uma agonia profunda. O seu amor ao mundo e às coisas do mundo foi profundamente doloroso. E em tudo, nos menores gestos – envolto em um otimismo sem explicação lógica – uma tristeza infinita, inquietante.

Newton carregou consigo, bem dentro do coração, a tortura da tristeza, uma tristeza quieta e mansa. O seu entusiasmo serviu para acalantar uma vida amargurada. Nunca soube ser um gozador. Recolheu no espírito toda tristeza universal.

Poucos sabiam que aquele rapaz, robusto de idéias, agitado e enérgico, era um sofredor, um triste.

Nós, que o acompanhamos desde cedo, que tivemos a amizade de Newton, nunca jamais ouvimos uma queixa, um lamento.

Era a conformação absoluta, a compreensão total da vida. Sofreu e produziu na penumbra. Cético, nunca espalhou a dúvida. Despertar e manter a fé no próprio espírito foi a preocupação máxima da sua existência.

Haurindo todas as influências do nosso tempo, a sua natureza vulcânica em contato com a vida, deixou que nele apercebêssemos traços de um talento invulgar.

O que nos ficou de sua passagem basta para que o glorifiquemos entre os moços do Brasil. Com raízes profundas na terra em que nasceu, espontâneo e sincero, trazia na mente aquela vontade indomável de escrever o romance do Paraná, de fazer a crônica do Brasil.

“Trapo” – romance social que não sei se chegou ao fim – e “Cria de Alugado” – novela cujo ambiente é uma fazenda de café – são dois trabalhos típicos de Newton Sampaio, onde sua preocupação pelo destino dos humildes e sofredores aparece bem a claro.

Nos seus últimos momentos, já quase transpondo os limites do temporal, sem amparo algum, interiorizado na tragédia imensa que o angustiava, Newton não deixou de ser um forte.

Com o organismo todo em decomposição, ele me escrevia oito dias antes do momento supremo: “Como você deve saber, estou fora do Rio desde 7 de abril. Fiquei em Londrina 1 mês e no dia oito de maio vim bater com os ‘costados’ no Sanatório, para curar um excesso de trabalho e um pouco de fraqueza pulmonar. Estou aqui, pois, há menos de 2 meses e espero ficar bom, em breve, para continuar a produzir qualquer coisa menos má e cuidar da vida, em suma”.

Com todo esse sofrimento dolorosamente experimentado, não deixou nunca fugir a esperança. A fantasia e a imaginação desenfreada – que por certo tornariam Newton Sampaio um dos nossos maiores ficcionistas – não permitiram que a realidade brutal se impusesse e dominasse o sonho bom da vida.

E foi assim que fez um poema dos seus projetos intelectuais: o poema de sua vida. Ficou doente, entregou o corpo já pesado, sofreu durante sessenta dias consecutivos. E num cair de tarde romântico, de sol puro, olhou o céu todo azul e dormiu na esperança de acordar para viver novamente.

O CRÍTICO E O HOMEM DE AÇO

Ao lado do espírito sonhador, de mocinho romântico, estava o homem enérgico, o homem de ação. A obrigação de ganhar a vida, de procurar o pão no trabalho insano de todos os dias, faz que aumente a nossa admiração pelo escritor de “Irmandade”.

Ainda lembro alguma das poucas lamentações de Newton. Não contra a vida, porque a esperança do futuro era maior que todas as possibilidades do presente. Mas contra o tempo, que era curto e escasso para quem tinha um ideal

a realizar, uma grande obra em perspectivas e a obrigação de ganhar o sustento próprio e dos seus. No Rio, com que ufania ele me mostrou uma cartinha da irmã menor, pedindo dinheiro para tratamento dos dentes e estudo do piano. Rememoro esse episódio porque ele bem reflete o temperamento do nosso grande amigo morto.

Em política, a sua atuação serviu para desencantá-lo. O tempo, porém, que dedicou aos trabalhos eleitorais da extinta “União Republicana” basta para nos afiançar da capacidade de luta de Newton Sampaio. O Comitê Universitário que organizamos em pouco tempo conseguiu congrega, o que é quase um milagre, para mais de trezentos estudantes.

Em nossos comícios, nas manhãs de sol de antes das eleições de outubro de 1934, o moço se transfigurava pelo ardor da luta. Parecia que tentava deter o tempo, tamanha era sua necessidade de realizar alguma coisa de notável.

Lembro, por curiosidade, outro episódio. Passou-se na vizinha cidade de Campo Largo. Estava marcada uma reunião política, um comício eleitoral do Partido Nacionalista na Praça da Matriz. Nós tínhamos ido a Campo Largo com intuito de dizer alguma coisa ao povo da cidade, em favor da “União Republicana”. E Newton não teve peias. Antes da chegada dos próceres “nacionalistas”, ele tomou a palavra, trepado à tolda do automóvel do dr. Anibal Rocha Loures que nos havia conduzido, e dali mesmo falou ao povo aglomerado. Foi assim que organizamos um dos nossos alegres comícios e passamos um BLUFF em nossos adversários.

Já no Rio, nunca vi indivíduo de maior atividade. Empreendeu enquetes para “A Nação”, e para o “Diário de Notícias”, entrevistou escritores e políticos, ajudou Maurício Simões na redação de “A Pátria”. Foi ele, numa tarde de folga em minha homenagem, quem me apresentou a Jorge Amado e a José Lins do Rego, ali em frente da Briguet, nas portas da Livraria José Olímpio. Já me correspondia com esses dois intelectuais. Foi, porém, Newton quem nos aproximou.

Como crítico, foi de uma sinceridade à prova de fogo. Nunca foi homem de meias medidas. Atacou Eloi Pontes. Retalhou o catolicismo poético de Jorge de Lima. Elogiou Jorge Amado. Fez restrições severas a Lins do Rego.

Entre nós, foi de uma contundência inigualável. Sincero consigo mesmo, senhor de opiniões e atitudes, sabia que era justo em suas afirmações. Bastava ter uma opinião para falar alto, para dizer o que sentia. Na verdade, nunca o interessou o ser justo ou injusto. Assim, tentou a derrubada de ídolos espectrais. Sempre escrevia o que o Paraná desconhecia, os seus verdadeiros valores. Tinha em mira, pela imprensa de Curitiba, fazer brotar uma literatura de exceção, inteligente, dentro do tempo, cheia de sentido.

Temia, porém, ser mal compreendido. Demonstrar intenções pouco louváveis. Daí o escrever, em um desses artigos de análise do ambiente paranaense: “Já há muito tempo abdiquei definitivamente de quaisquer pretensões literárias, políticas ou profissionais no Paraná (devo pois ser considerado com bons olhos, desde que não farei concorrência a ninguém. Nem aos inimigos e muito menos aos amigos...). Meu interesse pelas coisas do Paraná é puramente emocional. Guardo amor pela terra, estimo nossa gente, mas me sinto atraído para ásperas lutas longe da terra e longe da gente”.

Era um modo de justificar natural atitude de guerra. De justificar um temperamento inconformado, um temperamento crítico.

Newton não era homem de uma só faceta. Nos limites da inteligência não encontrou barreiras que o detivessem. Procurou sempre ser novo, renovar-se. Queria atuar, fazer ruído, fugir da literatura de salão. E sempre atraído pela sedução do seu grande mundo interior.

SUA POSIÇÃO NAS LETRAS NACIONAIS

Eu bem sei que não é nada interessante recordar esses traços da vida do escritor morto. Mas o que escreveu, toda sua obra, não pode ser bem compreendida sem o conhecimento certo das suas condições de vida.

Newton, nem que o quisesse, seria capaz de realizar uma literatura afetada, uma literatura de salão. Havia nele alguma coisa de profundo, pois que, ao mesmo tempo, em curto espaço, viveu duas vidas: uma para dentro e outra para fora.

Todos os seus contos, as novelas que escreveu, não o afirmam um criador de tipos. O que ele soube ser foi um admirável observador de homens. Tinha um gosto extraordinário para a revelação de situações psicológicas intrincadas. O mundo para ele era um contínuo choque entre emoções e sensações íntimas em contato com o conflito exterior, com o universo coletivo.

Descuidou da paisagem, do elemento paisagístico, para medir sentimentos humanos, para atingir ao mais fundo da vida e dos homens. Este – o homem – para Newton, era por essência, o ser que sofre, que se angustia, que se tortura, que está em oposição com o mundo que o cerca. Newton acreditava na adaptabilidade do corpo, na sujeição da matéria. Nunca acreditou, porém (o que explica a sua resistência ante a morte), na sujeição do espírito, porque ele está sujeito ao tempo, é o tempo que age sobre ele. Daí o seu indiferentismo para com a natureza bruta, o viver o momento dos ritmos emocionais.

A obra de Newton é assim reflexo fiel de um temperamento. A cada passo, é o cunho do seu espírito original que surge. Traduz sempre os seus estados d'alma com fidelidade pouco vista. O que explica a tristeza que envolve todo seu pensamento, que caracteriza todos os seus escritos. Reproduce-se em cada frase, em cada idéia solta, em cada palavra. O que escreveu foi quase a história de si mesmo, das inquietações do seu espírito, as próprias angústias e sofrimentos.

Como novelista, não creio que entre os modernos haja um que o supere. Pena que não tenha realizado o romance, como era de seu desejo. Como CONTEUR, podemos afirmar, ele ficou na linha de frente. Dois dos que possuem maior renome no Brasil, Marques Rebelo e Telmo Vergara, não chegaram a criar uma obra de tamanha intensidade. Os contos de Newton se assemelham bastante aos contos tristes de Ribeiro Couto. Este último é poeta, é delicado e sentimental. Newton, expressão de si mesmo, não ficou no puro estetismo, na estesia. Foi além de Ribeiro Couto.

O cronista elaborou páginas de um realismo comovente. Aqui cerra fileira com Rubem Braga e Álvaro Moreyra. Ali, no conto, posso garantir que “Irmandade” é superior a “Fantoches” de Érico Veríssimo. Sua extrema espontaneidade fez com que ele contasse a vida como ela é.

AINDA O CONTISTA E O NOVELISTA

“Remorso”, a primeira novela que viu publicada, explica o enigmático escritor (devemos essa publicação a Caio Machado, que cedeu durante duas semanas o rodapé do seu jornal para que Newton pudesse melhor entrar em contato com o leitor da terra). Nesse pequeno romance, o tema é um conflito de sentimentos, a luta do homem pela negação ou afirmação, a oscilação do espírito entre sentimentos puros e diabólicos. Há, neste trabalho de Newton, absoluta compreensão do destino do homem, das exigências da vida, dos imperativos interiores.

“Irmandade” é a novela psicológica por excelência. Não sei onde Newton foi buscar tanto material humano, tanta imaginação aguda, para imaginar um entrecho tão profundo e sugestivo.

Em quadros curtos, como é do uso da moderna técnica literária, vai ele desvendando personalidades curiosíssimas. Aquele diálogo, frente o espelho, da figura central de “Irmandade” traz um sentido, um saber de novidade.

Newton, ao contrário de tantos por aí, não abusou da imaginação, evitou excessos de espírito. Nada de teorias, de amostras, de doutrinas – só a vida sentida, a preocupação da realidade humana.

Nunca recebeu escandalizar. Era do seu gosto contar os sentimentos como eles surgem, as coisas como elas são.

As pequenas notas autobiográficas que vão surgindo no decorrer dos seus trabalhos de ficção infundem um pouco da substância nova, revelam um curioso retratista de si mesmo.

O ESTILO COMO O HOMEM

O maior característico do temperamento intelectual de Newton Sampaio – e que se observa tanto em “Remorso” como em “Irmandade” – é aquela prosa fluida, espontânea, por vezes simplista, do homem que sabe tudo contar. Nada de arcaísmos, de exotismos gramaticais. Um único defeito para quem escreve

ficção e constrói mundos: faltou a Newton (para conhecimento mais exato da existência alheia) um pouco de aventura, um pouco de boemia, um pouco de desperdício de inteligência pelos clubes e pelos cafés. O contrário não faria de sua obra uma mensagem íntima, dolorosa para quem sabe ler nas entrelinhas.

Newton, mesmo assim, chegou a ser um escritor para qualquer público. Chamaram Jorge Amado de comandante de multidões, tamanho o movimento dos seus romances. Não temo em alcunhar Newton de diretor de homens, de desvendador de individualidades. O que o autor de “Jubiabá” realizou no domínio do coletivo, Newton o fez no domínio do individual.

Nas histórias de nossas letras, estou certo, poucas estréias houve como a de Newton Sampaio, pela gravidade do seu esforço construtor.

O EPÍLOGO

Para nós, o que mais valia era o grande amigo. O amigo de todos os instantes, o companheiro de todas as lutas.

Pobre, quase abandonado, quase esquecido, já num leito de hospital, fiel ao seu ideal de sempre, ele sabia que havia de contar conosco, para após a sua morte, de volta à obscuridade de origem – não deixarmos perecer o esforço de sua vida.

Nada mais belo nem mais justo. Devemos uma satisfação à inteligência de Newton Sampaio – ao intelectual e ao amigo.

Desaparecido em situação tão triste, em nossas recordações a sua memória há de ser vibrante e rumorosa.

Newton, como hoje, há de aparecer sempre, diante de nós, fortemente iluminado, em cores vivas, espalhando saúde e mocidade, palpitante de vida – sem aquela tristeza íntima, quieta e doce que encheu toda sua existência”.